



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	O DILEMA DO AFRICOM NO CHIFRE DA ÁFRICA E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA QUENIANA
<b>Autor</b>	HENRIQUE BRENNER GASPERIN
<b>Orientador</b>	BRUNO LIMA ROCHA
<b>Instituição</b>	Escola Superior de Propaganda e Marketing

## O DILEMA DO AFRICOM NO CHIFRE DA ÁFRICA E AS SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA QUENIANA

Henrique Brenner Gasperin<sup>1</sup>

O trabalho aqui a ser resumido concentra seu foco na região leste da África – a qual devido às suas dimensões geográficas é comumente chamada de chifre. Um dos países dessa região – a Somália – vem, desde 1991, passando por um grave período de ingovernabilidade, o qual impede que a extensão geográfica do país seja politicamente coesa e atenda às ordens e identificações de um governo central. As epistemologias ocidentais não raramente se utilizam da situação somali para melhor elucidar o conceito de Estado falido.

Os Estados Unidos, não surpreendentemente, vêm cada vez mais intervindo no conflito. Com ativação em 2008, o *Department of Defense* dos EUA inaugurou um comando combatente cuja área de atuação é justamente na África – o AFRICOM. Este, por sua vez, tem uma força tarefa que atua especialmente no chifre da África e que, atualmente, representa uma das suas maiores atividades. Simplificando, além dos problemas regionais de ordem política, os EUA – fortemente amparados externamente pela política de guerra ao terror – também são uma grande força atuante no local. Seu principal inimigo e, sob outra ótica, principal discurso legitimador de ações para além da sua área de soberania é o jihadismo em escala internacional. Faz-se necessário dizer que a população da Somália é majoritariamente islâmica – o que contribuiu fortemente para uma reação local de cunho anti-ocidental que em 2006 teve seu ápice com a ascensão do grupo wahabita Al-Shabaab, que é ligado à Al-Qaeda.

O Quênia, por sua vez, tem nos últimos anos aproximado relações de ordem política com os EUA, sendo já parceiro oficial do AFRICOM. Em 2011, o governo Uhuru Kenyatta lançou a operação *Linda Nchi* – em Suaíle, defender a nação. Esta tinha como função a intervenção direta em território somali para impedir maior proliferação do Al-Shabaab. Como resposta, desde 2011, o Quênia já sofrera mais de 25 atentados terroristas, sendo os piores o de Westgate, em 2013, que matou 67 pessoas, e o de Garissa, em 2015, que acabou com a vida de 148. Assim sendo, uma crescente desagregação das instituições do Estado queniano vem acontecendo – o que claramente impede e dificulta o desenvolvimento socioeconômico do país. Assim sendo, a pergunta de pesquisa é: **Como a ação da AFRICOM na Somália tem aumentado a instabilidade no Quênia?**

O tipo de pesquisa é de caráter exploratório, com método de levantamento de dados de forma bibliográfica. A vertente de pesquisa, por sua vez, é de orientação qualitativa. Busca-se também o diálogo entre fontes ocidentais e propriamente africanas. Teoricamente, as temáticas se encontram na geoestratégia, que dialoga diretamente com a geopolítica dos continentes, cujos autores mais tradicionais são Brzezinski, Spykman e Mackinder. Dialogar-se-á, também, com a escola inglesa no que tange à segurança regional, a partir da qual será questionado se o AFRICOM, cuja finalidade (no papel) é a pacificação e a estabilização política da África, tem alcançado o seu objetivo institucional ou se, ao contrário, tem aumentado a disputa e a violência na região.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Sul). Orientado pelo Prof. Dr. Bruno Lima Rocha Beakilini. E-mail para contato: henriquebgasperin@gmail.com.